

ARTIGO

O lazer e a fé: tempos e espaços de socialização juvenil no contexto de assentamentos rurais

Leisure and faith: times and spaces of youth socialization in the context of rural settlements

El ocio y la fe: tiempos y espacios de socialización juvenil en el contexto de asentamientos rurales

Domingos Rodrigues da Trindade

Universidade do Estado da Bahia - Brasil

Resumo

Este texto é parte de uma pesquisa de doutorado sobre a constituição social do ser jovem camponês realizada em dois assentamentos rurais: Nova Esperança e Marrecas, que se localizam nos municípios baianos de Palmas de Monte Alto e Malhada, respectivamente. A metodologia trabalhada se pautou numa abordagem qualitativa de pesquisa, utilizando os seguintes instrumentos de coleta de dados: grupo focal, entrevista semiestruturada, observação, questionário, pesquisa documental e diário de campo, considerando a perspectiva do materialismo histórico dialético. Numa lógica de complementaridade, procedi à apreciação dos dados coletados com base na análise de conteúdo, na modalidade temática, segundo Bardin (1979). Neste artigo, trato de forma descritiva e reflexiva, os processos de socialização dos/das jovens no âmbito da convivência social no contexto dos assentamentos da Reforma Agrária. O estudo esboça o retrato

das práticas de sociabilidades dos/das jovens investigados/as, apontando que, o campo de possibilidades (VELHO, 2006) é bastante precarizado e reduzido no contexto dos assentamentos. As relações sociais dos/das jovens se ampliam por meio das interações externas, as quais apresentam limitações provenientes das condições econômicas das famílias. Frente a essa situação, os/as jovens criam, reinventam formas de convivência, de diversão, lazer e de fé nos espaços onde vivem.

Palavras-chave: Jovens de assentamentos rurais. Lazer e fé. Tempos e espaços de socialização.

Abstract

This paper is part of a doctorate research on the social constitution of peasant youth in two rural settlements: Nova Esperança and Marrecas, located respectively in the municipalities of Palmas de Monte Alto and Malhada, in the state of Bahia. The methodology employed is based in a qualitative approach to research that uses the following data collection tools: focal group, semi-structured interview, observation, questionnaire, documental research and field diary, considering the perspective of historical dialectic materialism. With the aim of using data as mutually complementary, I have gone through the collected data using content analysis, in the thematic modality according to Bardin (1979). In this paper, I give a descriptive and reflexive account of the processes of socialization of youth in the context of their social experience in the Agrarian Reform settlements. The study sketches a portrait of the social practices of the surveyed youth while considering that the field of possibilities (VELHO, 2006) is quite precarious and limited in the context of the settlements. The social relationships of the youth are amplified by means of external interaction, which present limitations due to the economic situation of their families. Within that reality, the youth create and re-invent ways of living together, of having fun, as well as their leisure and religious practices in the spaces where they live.

Keywords: Youth in rural settlements. Leisure and faith. Times and spaces of socialization.

Resumen

Este texto es parte de una investigación de doctorado acerca de la constitución social del ser joven campesino realizada en dos asentamientos rurales: “Nova Esperança” y “Marrecas”, que se localizan en los municipios de “Palmas de Monte Altos” y “Malhada”, respectivamente, ambos en el estado de Bahia en

Brasil. La metodología utilizada se basó en un abordaje cualitativo de investigación, utilizando a los siguientes instrumentos de coleta de datos: grupo focal, entrevista parcialmente estructurada, observación, cuestionario, análisis de documentos y diario de campo, considerando la perspectiva del materialismo histórico dialectico. En una lógica de complementariedad, ejecuté a la apreciación de los datos colectados basándome en el análisis de contenido, en la modalidad temática, según Bardin (1979). En este artículo, trato de forma descriptiva y reflexiva, a los procesos de socialización de los jóvenes en el ámbito de la convivencia social en el contexto de los asentamientos de la Reforma Agraria. El estudio esboza el retrato de las prácticas de sociabilidades de los jóvenes investigados, apuntando que, el abanico de posibilidades (VELHO, 2006) es bastante precarizado y reducido en el contexto de los asentamientos. Las relaciones sociales de los jóvenes se amplían por medio de las interacciones externas, las cuales presentan limitaciones provenientes de las condiciones económicas de las familias. Ante esa situación, los jóvenes crean, reinventan formas de convivencia, de diversión, ocio y de fe en los espacios en donde viven.

Palabras clave: Jóvenes de asentamientos rurales. Ocio y fe. Tiempos y espacios de socialización.

Palavras iniciais

Este texto é parte de um estudo de doutorado desenvolvido em assentamentos rurais na microrregião Guanambi, Bahia, com o objetivo de compreender como os/as jovens da Reforma Agrária se constituem como seres sociais na condição de filhos/as de assentados/as da Reforma Agrária no contexto da sociedade capitalista em processo de expansão no campo.

Diante da complexidade dessa temática, o estudo aqui proposto nos remete à análise da juventude do meio rural como uma categoria social-chave, pressionada pelas mudanças da realidade do campo e da cidade na atualidade, sobretudo porque a juventude vem demarcando, no cenário brasileiro, um espaço cada vez mais expressivo por meio de uma variedade de ações (congressos, seminários, simpósios, fóruns, reuniões nacionais, estaduais e municipais), colocando sua pauta de reivindicações.

Entretanto, embora se perceba um crescimento da presença e atuação dos/das jovens do meio rural em diversos espaços sociais, no que se refere às pesquisas que se dedicam a esses sujeitos, segundo Weisheimer (2005) estas ainda não se constituem uma produção consolidada. Esse autor aborda, nesse estudo, que os/as jovens do meio rural têm sido denominados por uma diversidade de maneiras, tais como: alunos rurais, jovens agricultores, jovens do campo, jovens do interior, jovens do sertão, jovens empreendedores rurais, jovens empresários rurais, jovens filhos de agricultores, jovens rurais ribeirinhos, jovens sem terra, jovens em assentamentos rurais, juventude escolar rural e juventude rural.

Há uma compreensão entre os pesquisadores de que a juventude rural não é uma categoria homogênea, mas, sim, marcada por uma diversidade de sujeitos demarcados pelos contextos econômicos, históricos, sociais, culturais e políticos (ABRAMOVAY, *et al.* 1998; CARNEIRO, 1998; STROPASOLAS, 2007; WANDERLEY, 2009; WEISHEIMER, 2005; CASTRO, 2009). Assim, adota-se neste trabalho como categoria de análise a denominação de “jovens de assentamentos rurais” para se referir aos jovens interlocutores da pesquisa, no sentido de privilegiar o lugar em que estão, ou seja, os assentamentos, entendidos como formas de unidades produtivas, criadas por meio de políticas governamentais específicas, que primam pelo reordenamento do uso da terra em benefício de trabalhadores rurais sem terra ou com pouca terra (BERGAMASCO; NORDER, 1996). O lugar em que os sujeitos da pesquisa estão não é qualquer lugar, mas simboliza a luta coletiva, histórica e de classes, que ainda não se dá por encerrada.

Compreendo que a constituição social dos/das jovens também se dar por meio das práticas de sociabilidades, Nesse sentido, como um dos objetivos específicos do referido estudo de doutorado, busquei descrever de forma analítica os processos de socialização dos/das jovens nos seus tempos e espaços de sociabilidades. Senti a necessidade de compreender como os/as jovens dos assentamentos rurais pensam, veem e vivem suas experiências acerca da sua condição de assentados. Como eles/elas dão

(continua)

sentidos e significados aos tempos e espaços de socialização, entendendo que todo esse processo de atribuição de sentidos e significados se dá na base das contradições e dos conflitos existentes em cada momento histórico vivido pelos/as jovens.

Questões metodológicas

As escolhas teóricas se refletem nas questões metodológicas e no olhar para o campo de investigação. Nesse sentido, adotei caminhos metodológicos que foram capazes de dar conta da síntese da estrutura social em que é formada a vida social dos/das interlocutores(as) da pesquisa. Evidentemente, para entender a realidade social, foi necessário combinar análises processuais e estruturais, utilizando aspectos subjetivos e objetivos. Portanto, busquei me inserir em duas dimensões: a realidade em si (assentamentos Nova Esperança e Marrecas) e os significados que os sujeitos sociais atribuem à realidade, com base nos processos de interação dentro e fora dos seus contextos. Segundo Minayo (2007, p.61), “o trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma interação com os ‘atores’ que conformam a realidade e, assim, constrói um conhecimento empírico”.

Em consonância com objetivos estabelecidos na pesquisa, utilizei diversas técnicas e instrumentos de pesquisa, a saber: questionário e grupo focal (jovens), entrevista semiestruturada (poder público municipal, direção/coordenação pedagógica, família dos/das jovens e sindicato (FETAG/Associação) e observação direta da realidade social. Valendo-me dos princípios da pesquisa qualitativa, utilizei da convivência e do diálogo com os/as interlocutores/as como estratégia de busca de informações e compreensão dos processos que fundamentam as suas representações e práticas.

É importante considerar que, todo percurso de análise e interpretação dos dados foi guiado pelo paradigma histórico-dialético que toma por base pressupostos pertinentes à condição humana e se trata

(continua)

de um método de compreensão e análise das lutas históricas, políticas, e principalmente, das forças produtivas dentro da sociedade capitalista em suas contradições. Este paradigma subsidiou o pesquisador na compreensão de que os/as interlocutores/as da pesquisa não são sujeitos a-históricos, mas determinados pela história das relações vividas. Numa lógica de complementaridade, e em conformidade com os objetivos perseguidos no estudo e o caráter das técnicas/instrumentos de pesquisa utilizadas, procedi à apreciação dos dados coletados com base na análise de conteúdo, na modalidade temática, segundo Bardin (1979).

Quanto à identificação dos/das interlocutores/as da pesquisa foi garantido o anonimato, no sentido de obedecer a Resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde, que estabelece as normas regulamentadoras sobre pesquisas, envolvendo seres humanos.

O lazer e a fé: tempos e espaços de socialização

No entendimento de Brenner; Dayrell e Carrano (2011), a investigação do que os/as jovens fazem do seu tempo livre é importante para se compreender os sentidos do próprio tempo da juventude nas sociedades. Para esses autores, o lazer é uma atividade social e historicamente dependente das condições materiais e culturais que constituem sujeitos e coletividades. Nesse sentido, busquei saber dos/das jovens interlocutores/as da pesquisa, por meio do questionário aplicado, se eles/as desfrutaram de algum tipo de lazer no contexto dos assentamentos ou em outros espaços em que circulam.

Os dados do questionário apontam que 100% dos jovens homens desfrutaram de algum tipo de lazer. Quanto às jovens mulheres, 75% afirmaram que participam de alguma prática de lazer, e 25% não desfrutaram de nenhuma atividade de lazer. Ao analisar os dados do questionário e dos grupos focais referentes ao lazer, foi possível esboçar as possibilidades de práticas de lazer no contexto dos assentamentos pesquisados sob o olhar dos/das jovens como se pode observar no quadro seguir.

Práxis Educacional	Vitória da Conquista	v. 12, n. 23	p. 175-198	set./dez. 2016
--------------------	----------------------	--------------	------------	----------------

Quadro 1 - Possibilidades de práticas de lazer dos/das jovens da pesquisa (conclusão)

Jovens homens	Jovens mulheres
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Jogar futebol; ▪ Fazer caminhada; ▪ Ir à festa; ▪ Assistir à TV; ▪ Ir à igreja ▪ Fazer passeio nas comunidades rurais e nas cidades próximas. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Jogar futebol; ▪ Reunir-se com amigos; ▪ Assistir a jogos de futebol; ▪ Ler histórias em quadrinho; ▪ Jogar baleado; ▪ Assistir à TV; ▪ Ficar no <i>facebook</i>; ▪ Ir à igreja; ▪ Festas e passeios (raramente acontecem); ▪ Visitar os parentes; ▪ Ouvir música; ▪ Brincadeiras com os amigos nos finais de semana.

Fonte: Elaborado com os dados do questionário e dos grupos focais aplicados nos meses 09 e 10/2013.

Apesar de os/as jovens apontarem uma série de atividades que eles/as figuram como suas práticas de diversão, por outro lado, suas falas em relação às suas experiências de sociabilidades são marcadas por uma insatisfação em relação às opções de lazer e de convivência social juvenil disponibilizadas nos espaços onde estão inseridos. Os/as jovens denunciam insistentemente a falta de espaços e tempos de socialização, de produção cultural, de recreação, campos importantes para as vivências juvenis. As experiências no âmbito do lazer são significativas para a construção de identidades, sociabilidades e ampliação dos referenciais dos/das jovens como seres sociais em constante processo de formação. Segundo Velho (2006, p.193), “a construção de identidade é uma processo que decorre no tempo, é dinâmico, transforma-se e se dá em múltiplos contextos socioculturais e níveis de realidade”. Isso significa pensar que as experiências diversas de socialização dos/das jovens analisados/as não são indiferenciadas no processo identitário e constituição social.

No caso especial dos/das jovens dos assentamentos Marrecas e Nova Esperança, as condições juvenis se dão numa totalidade de circunstâncias trazidas pelo contexto de uma sociedade capitalista em que, excludentemente, as ofertas materiais não são disponibilizadas em

condições de igualdade, fato que não os impossibilita de, simbolicamente, associar o lazer com o jogo, o sair, a conversa com amigos/as, ir à igreja, às festas locais, acessar o *facebook*, dentre outros. Reafirmo que os/as jovens interlocutores/as da pesquisa denunciam veementemente situações de vida e processos sociais que demarcam as bases socioeconômicas desiguais que incidem sobre as possibilidades de acesso, experimentação, consumo e lazer.

É necessário destacar que as condições culturais são quase que inexistentes para os/as jovens dos assentamentos Marrecas e Nova Esperança. Quase não têm como aproveitar o seu tempo livre. Isso se configura como a negação do acesso aos direitos culturais e a exclusão dos povos do campo do direito de vivenciar certos bens culturais. Vejam-se alguns relatos dos/das jovens em resposta à questão: Que lugares vocês frequentam para se divertir?

Tem o *Pontal*¹ aí, vão muitas pessoas da região, a gente vai, encontra os amigos, troca ideias (JH3AM).

De vez em quando a gente vai no *Iuiu*, mas é de vez em quando mesmo, quando acontece, raramente (JM8AM).

Às vezes eu vou a **Guanambi**, vou na *Lagoa de Arroz*, lá é pior que aqui (JM12AN).

Vou à *Lagoa de Arroz*, *Palmas de Monte Alto*, *Barra do Riacho*, *Boqueirão* (JM13AN).

Tem hora que a gente vai na casa da outra, conversa depois vai pra casa (JM16AN).

Minha única diversão é vim aqui no culto domingo, a minha distração é essa (JM20AN).

Aqui não tem área de lazer pra gente, tipo inventar uma diversão, a única coisa que a gente tem aqui é um campo de futebol que

¹ Os nomes em destaque nos relatos dos/as jovens são nomes de comunidades rurais e cidades que ficam próximas dos assentamentos Marrecas e Nova Esperança e que eles/as costumam frequentar de vez em quando como eles/as mesmos/as explicitaram em seus relatos.

os meninos brincam, só. Às vezes a gente brinca também no campo (JM11AN).

O que os/as jovens revelaram, nos grupos focais, sobre as práticas de lazer que permitem a inserção no mundo da socialização é bastante similar às práticas de lazer de outras localidades rurais da região onde a pesquisa foi realizada e do Brasil de modo geral. Silva (2009), em estudo realizado com jovens rurais no município de Palmas de Monte Alto na Bahia, mesmo município em que fica o assentamento Nova Esperança, aponta a ausência de espaços destinados à vivência de experiências relacionadas às práticas de lazer. Pesquisas realizadas com jovens do campo por Carneiro (1998); Costa e Ralisch (2013) também indicaram a ausência de espaços e tempos de lazer no meio rural. Diferentemente do estudo de Carneiro, na pesquisa de Costa e Ralisch os/as jovens não associaram a saída do campo à falta de lazer, mas ponderaram que a inserção de práticas de lazer no assentamento melhoraria suas relações sociais.

Quanto ao acesso à diversão e lazer dos/das jovens da pesquisa ora realizada, fica demarcada, em suas narrativas, a limitação do “raio” de circulação deles/as, principalmente das jovens mulheres. Estas, por sua vez, disseram que às vezes os rapazes não querem levá-las quando vão para algum lugar fora do assentamento, acusando que os atrapalhariam em suas paqueras. Desse modo, a diversão das jovens fora do lugar de residência acontece de forma mais esporádica, a não ser quando participam com seus pais das celebrações religiosas na sede do município, ou em alguma festa, acompanhadas de alguma pessoa de confiança de seus pais. As práticas religiosas são figuradas como espaços e tempos de socialização e de lazer nos tempos livres dos/das jovens, principalmente das mulheres.

No sentido de aprofundar e ampliar a compreensão sobre os espaços e tempos de socialização dos/das jovens no âmbito das práticas de lazer, procurei saber deles/as, nos momentos da realização dos grupos focais, o que eles/as fazem nos finais de semana. As respostas dadas

convergem para as do questionário, como se pode constatar nas falas seguintes.

Final de semana às vezes a gente vai na casa de um parente, às vezes reúne e vai zoar mesmo, só aos domingo à noite a gente vem pro culto **(JM11AN)**.

Fico dentro de casa assistindo televisão, quando chega a noite, vai pra igreja **(JM2AM)**.

No lugar aqui mesmo é só jogar bola, pra quem gosta de jogar bola **(JM2AM)**.

Quando chega final de semana, descansar, aproveitar o dia que a gente não foi na roça ou na escola, descansar **(JH1AM)**.

Eu gosto de ficar só, assim, sei lá, dentro do quarto trancada, é bom, mexendo no telefone **(JM7AM)**.

[...] eu pelo menos não faço nada, fico dentro de casa o dia todo **(JM9AM)**.

Eu, olhar menino, eu tenho um filho **(M10AM)**.

As respostas dadas à questão posta colocam no crivo do debate uma série de problemáticas importantes para pensar os espaços e as formas de diversão dos/das jovens no meio rural; as diferentes (im) possibilidades relacionadas às práticas de lazer presentes nas falas dos/das jovens, impressas por um sistema capitalista desigual que nega o direito à cidadania a muitos jovens, principalmente àqueles/as que estão nos lugares mais recônditos e, muitas vezes, invisíveis aos “olhos” do Estado. Nesse contexto, verifiquei que os/as jovens têm recorrido à televisão como meio de preenchimento do tempo livre. O tempo em que os/as jovens ficam em frente à televisão, eles/as o atribuem a uma atividade de lazer. Ficar em frente à televisão e conectada à internet foram mencionados em sua maioria pelas jovens mulheres. Os rapazes disseram que são os celulares das moças que pegam a internet. Os deles não são de alta tecnologia.

Assim, as condições materiais e subjetivas de existência vão delineando os caminhos possíveis de serem trilhados nos seus diferentes modos de ser jovem de assentamentos rurais da Reforma Agrária, em que a televisão, o celular, ouvir músicas fazem parte do cotidiano juvenil.

Ainda em resposta à pergunta anterior, referente ao que eles/as fazem nos finais de semanas, as jovens responderam:

Às vezes, a gente se reúne e brinca, às vezes não, tipo aqui não tem muita opção de diversão não (JM11AN).

Não é bem o que a gente queria não, mas já acostumou. Não tem jeito (JM12AN).

É igual a gente falou, nada, é só na internet mesmo (JM16AN).

Antigamente, quando a gente chegou aqui, a gente brincava, mulher, homem, até futebol a gente jogava, brincava de roda, só que com o tempo tudo mudou (JM20AN).

Uns foram embora, outros casaram (JM19AN).

No meu caso mesmo, né, diversão mesmo pra mim não existe (JM20AN).

Era bom, não tinha energia, a gente brincava de esconde-esconde no escuro, pega-pega, dorme, cai no poço (JM18AN).

Tudo vai mudando, os jovens de hoje também não tá caçando brincar disso não (JM20AN).

Eu mesmo tenho vontade de brincar, mas ninguém não brinca (JM18AN).

No final de semana faz o que tiver pra fazer, depois vai pra frente da televisão ou dormir (JM19AN).

No domingo, eu às vezes vou pra casa da minha avó com minha mãe, volto à tarde, quando é a noite vem pro culto, e a próxima segunda é rotina de novo (JM20AN).

É um ritmo assim que é o mesmo todos os dias (JM18AN).

As visões das jovens na forma de precisar as atividades que se realizam nos finais de semanas vão da saudade do passado aos encontros virtuais. As jovens relembram as brincadeiras do tempo de outrora e, ao mesmo tempo, abordam as mudanças de hoje, enfatizando que os/as jovens do presente não querem mais brincar como antes. Segundo Souza (2004, p.60), “as viagens virtuais e os encontros eletrônicos são possibilidades culturais que alargam o território dos jovens para outros limites de tempo e espaço. O território passa a ser o mundo inteiro”. Essa autora destaca que, com a tecnologia da informação, os conceitos de tempo e espaço são redefinidos, e que o perto e o longe tornam-se dimensões simbólicas. Eles/as positavam o uso do telefone celular e o acesso à internet como ferramentas que lhes possibilitam sentir-se mais perto dos parentes que moram em outras localidades e, também, como instrumentos que preenchem o passar do tempo devagar no meio rural.

Pude observar ainda que, nos finais de tardes, a frente da igreja católica do assentamento Marrecas se transforma num ponto de encontro de muitos jovens, adultos, crianças e idosos. Esse espaço se transforma num lugar de bate-papo, da “resenha”, como dizem as pessoas dessa região. Geralmente, são os rapazes que se reúnem, nos diversos espaços dentro do assentamento. Na comunidade Nova Esperança, percebi que esses encontros acontecem com menos frequência. Quanto às jovens, às vezes, observei-as andando de um lado para outro dentro dos assentamentos, visitando as amigas. Mas em sua maioria, elas costumam ficar dentro de casa, assistindo à televisão ou ouvindo músicas, como relataram nos grupos focais e nos momentos de diálogos informais que estabeleci com os/as jovens no caminhar da investigação.

A música faz parte do lazer dos/das jovens dos assentamentos pesquisados, principalmente das moças do assentamento Marrecas. O aparelho de som é ligado em alto volume, que é possível ouvi-lo de lugares distantes. O que ficou visível no assentamento Nova Esperança é que as moças têm uma preferência maior pela televisão. A mídia, principalmente

a televisão e o *facebook*, assumem um papel constitutivo dos modos de ser jovem no contexto dos assentamentos investigados. As falas a seguir das jovens são ilustrativas dessa questão.

Eu uso mais um som do que TV e celular (**JM3AM**).

Eu uso mais o celular (**JM4AM**).

O celular foi o que pegou geral (**JM5AM**).

Eu uso pra ligar, mandar mensagem, ouvir música, o *facebook* (**JM8AM**).

Uso celular 24 horas, vivo pendurada no celular, ligo, joga, *facebook*. Uso TV, som, a novidade pra gente aqui mesmo é a internet, as outras a gente sempre usou (**JM9AM**).

Eu só mando mensagem ou ligo, uso rapadura mesmo (**JH1AM**). A gente às vezes quer falar com a outra, é só ligar, não precisa ir lá, é mais fácil (**JM17(AN)**).

A gente usa muito também a televisão e o som (**JM16AN**). O celular é tudo, ouço música e o principal, a internet (**JM16AN**).

A coletânea de artigos científicos intitulada “Retratos da Juventude Brasileira, organizada por Abramo e Branco (2011), aponta que a cultura do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros é muito associada aos meios de comunicação de massa. Assistir à televisão e ouvir rádio é um aspecto característico da cultura juvenil brasileira dos tempos atuais, sendo que 92% dos jovens urbanos e 86% dos jovens rurais utilizam a televisão como principal ocupação do tempo livre. No caso do rádio, 91% dos jovens urbanos e 83% dos jovens rurais o escutam. Mas, considerando os finais de semana, quando os jovens possivelmente dispõem de maior tempo livre, os dados indicam que 86% dos jovens urbanos e 89% dos jovens rurais acessam a televisão. O rádio fica com 89% da preferência dos jovens do meio urbano e 86% dos jovens rurais.

As preferências dos/das jovens da pesquisa não diferem daquelas dos jovens do estudo supracitado. Evidentemente, apresentam especificidades coerentes com o lugar onde os sujeitos estão e o tempo presente. As mudanças, até mesmo no campo, têm chegado rapidamente. Isso não significa que todas as pessoas estão acompanhando-as e atentas às transformações que chegam ao campo, tampouco, tendo acesso efetivo às tecnologias que têm chegado aos lugares mais longínquos da sociedade. Isso fica claro na fala da jovem **JM12AN** interlocutora da pesquisa: “Eu não tenho celular não, uso dos outros”. Sendo assim, é possível afirmar que as fronteiras de inserção no mundo tecnológico são demarcadas pelas condições socioeconômicas dos sujeitos e, muitas vezes, independem da localização geográfica.

Tudo isso é muito contraditório, porque, apesar de as tecnologias terem provocado transformações importantes nas relações sociais dos indivíduos, nem todos têm acesso aos meios tecnológicos disponíveis na sociedade. No caso específico dos espaços onde esta pesquisa foi realizada, as pessoas não dispõem de computadores, por exemplo, para acessar a internet. O acesso a esta se dá por meio do celular ou na escola em que estudam. Desse modo, entendo que os/as jovens, mergulhados/as num tempo de privações, de incerteza e de negação de direitos, constroem sua cultura e organizam seu ritmo, suas práticas de lazer e seu estilo de vida, driblando, assim, as ausências, as carências e limitações referentes aos espaços e tempos de lazer no campo.

A Festa de São Miguel no assentamento Marrecas

As famílias do assentamento Marrecas que pertencem à religião católica promovem a festa de São Miguel no mês de outubro, a qual já se configura como tradição da comunidade católica. Há treze anos os moradores desse assentamento vêm comemorando esse dia, com atividades como missa, leilão para arrecadar recursos para a igreja, shows musicais, torneio de futebol, dentre outras atividades.

Segundo relatos dos moradores, essa atividade comemorativa é esperada pelas pessoas do assentamento durante o ano todo. Uma semana antes da festa de São Miguel, a população católica, coletivamente, organiza a igreja e a praça do assentamento. Os homens cortam madeiras, montam barracas de palhas. As mulheres preparam os enfeites, com ajuda do pessoal de apoio da escola, a qual se transforma num ateliê de confecção dos enfeites para ornamentar o espaço da festa.

Observei muitas jovens auxiliando na confecção dos enfeites e na ornamentação da praça. Os jovens homens também ajudavam nos serviços mais pesados, como limpar o mato da praça, cortar madeiras e abrir buracos para montar as barracas. É uma atividade coletiva de preparação do espaço de socialização da comunidade. Na verdade, o próprio trabalho de preparação já é um momento de socialização das pessoas envolvidas com a comemoração. Muitos adultos, jovens, crianças se reúnem na praça, observando o trabalho de preparação para a tão esperada festa.

O comércio local se prepara à espera da festa de São Miguel. As bebidas chegam com antecedência para dar tempo de gelar. Com antecedência é feita também a faxina nas casas, à espera dos amigos e parentes que vêm participar da festa. Muitas pessoas, jovens e adultas também se preparam à espera do evento, cortam os cabelos, fazem barbas, enfim, se arrumam para a festa esperada há um ano.

É chegado o dia da festa, o palco, com enormes caixas de som, foi montado no centro do assentamento, onde aconteceria o *show* musical. A praça do assentamento se transforma num espaço de acolhimento dos visitantes; para lá convergem pessoas de várias localidades, rurais e urbanas. Essa celebração é também um momento de aglutinação de pessoas adultas, idosas, crianças e jovens. Os/as jovens que dessa participaram eram jovens do campo como também da cidade. Entretanto, sem muita diferença no seu jeito de ser jovem, de se vestir, de se comportar. Os jovens com suas *calças jeans*, camisetas, tênis. As mulheres com suas minissaias, blusas com decotes, outras usavam calças bem colocadas; todas bem maquiadas,

usando o indispensável batom. De forma geral, tanto os/as jovens do campo como os/as da cidade procuravam valorizar o corpo em que a regra lógica era a sedução. Observei ainda a influência da televisão na forma de se vestir dos/das jovens, um exemplo nítido era um grupo de rapazes vestidos estilo *restart* (uma banda brasileira de *teen pop* criada em 2008), e os cabelos *moicanos*, quando não pintados de louro.

A festa de São Miguel é também tempo e espaço de encontro com o conhecido e o desconhecido, do embalo das paqueras. Muitos/as jovens, animados/as pelas músicas e pela bebida, procuravam lugares mais escondidos para resguardarem certa intimidade perante os demais. O consumo da bebida na festa não é apenas uma prática dos rapazes, como sinônimo da masculinidade (PAIS, 2003). Muitas moças também a usam, como se quisessem extravasar ou recompensar o tempo em que ficam sem beber por falta de oportunidades. A bebida ajuda a vencer a timidez e aos poucos moças e rapazes ocupam o espaço de dança, sensualizando seus corpos. Muitos adultos e às vezes até crianças se deixam levar pelo embalo dos diversos ritmos musicais, indo do axé, pagode, arrocha, funk ao sertanejo.

É importante sublinhar que, no contexto do assentamento, nesse momento específico, muitas coisas são permitidas em função da diversão, regras são suspensas, a exemplo da venda de bebida alcoólica, que contraria as normas do Estatuto que rege a convivência dentro do assentamento, como foi relatado por diversos moradores com quem conversei durante o período da pesquisa de campo e constatado no decorrer da festa. Enfim, nesse misto de encontros, desencontros, bate-papos, paqueras, suspensão de regras do cotidiano, a festa segue até quase o amanhecer, impondo regras específicas e particulares às relações estabelecidas naquele momento festivo.

Nessa perspectiva, é importante compreender que “é principalmente nos tempos livres e nos lazeres que os jovens constroem suas próprias normas e expressões culturais, ritos, simbologias e modos de ser que os diferenciam do denominado mundo adulto” (BRENNER; DAYRELL;

CARRANO, 2011, p.176). Assim, o lazer precisa ser entendido numa ótica sociológica, pautado numa liberdade de escolha, importante para a construção de identidades; nessa lógica de entendimento, ele pode ser espaço e tempo de aprendizagem das relações sociais no contexto de liberdade de experimentação, de descoberta e de criação de vivências coletivas e individuais.

Ainda segundo Brenner; Dayrell e Carrano (2011), a prática do lazer cria uma possível consciência de liberdade ao admitir uma fuga temporária à rotina cotidiana de trabalho e obrigações sociais. Por meio das vivências de lazer, os/as jovens podem consolidar relações sociais, (re) significar modos de convivência coletiva e, ao mesmo tempo, potencializar as múltiplas identidades necessárias ao convívio cidadão nas suas várias esferas de inserção social.

As diferentes práticas de sociabilidades, aqui, em particular, aquelas ligadas ao lazer, devem ser vistas como espaços, tempos e possibilidades de produção de subjetividades. Dessa forma, é necessário discutir o lazer na perspectiva do direito. Isso implica, no caso especial dos/das jovens de assentamentos rurais, criar condições, possibilidades de desenvolvimento de espaços e tempos de sociabilidades por meio de atividades de lazer nesses espaços e fora deles. São necessárias políticas públicas de juventude que ampliem a capacidade de promoção da cidadania pela via das práticas cidadãs de lazer que coloquem os/as jovens em contato com experiências diversas, ampliando, assim, as possibilidades de acesso a espaços e tempos juvenis de lazer.

O futebol, o baleado² e o culto no assentamento Nova Esperança

Ainda nos detendo à questão da socialização dos/das jovens no contexto onde vivem, tive a oportunidade de vivenciar um pouco do que os/as jovens fazem nos finais de semana. Aqui descreverei o dia de domingo 20 de outubro de 2013, que passei no assentamento Nova

² O baleado é um jogo em que duas equipes se enfrentam, jogando a bola com a mão para acertar o/a jogador/a adversário/a. É um jogo que tem regras fixas e outras, às vezes criadas no momento entre as equipes.

Esperança no intuito de observar os/as jovens no seu espaço cotidiano de convivência. Outros momentos da vida deles/as foram observados, já referidos em outras partes desta tese, como o espaço escolar.

Esse é um dia da semana em que, segundo os/as jovens, eles acordam mais tarde em relação aos outros dias da semana quando precisam ir à escola ou cuidar das atividades da roça. Conforme expuseram, no domingo eles/as acordam, fazem o que tiverem que fazer da escola ou tarefas domésticas e, normalmente, ficam por ali dentro de casa assistindo à televisão. No dia referido acima, consegui observar algumas atividades coletivas que os/as jovens apontaram no questionário aplicado e nos grupos focais como práticas de lazer envolvendo jovens do assentamento e comunidade vizinha, a saber: o baleado, o futebol e o culto da Igreja Católica realizado em uma sala da escola da comunidade.

Final de tarde, aos poucos, moças, rapazes, crianças e até adultos vão se encontrando em frente das casas, criando suas alternativas de diversão no interior da comunidade e negociando suas regras. Um grupo composto de moças e também por um jovem rapaz decide jogar baleado. Então, divide-se em subgrupos, se organizam, estabelecem as regras do jogo. Essa diversão durou por quase três horas, envolvendo jovens do assentamento, mas também da comunidade próxima. Aos poucos, os adultos e as crianças iam se aproximando do lugar onde os jovens jogavam baleado para assistir a esse jogo. Ali a conversa era colocada em dia. Então, o momento do baleado se transformou em espaço e tempo positivos de encontros e bate-papo entre os pais dos/das jovens.

Ao mesmo tempo em que o baleado acontecia, perto dali, os rapazes jogavam futebol de campo. Paralelo a isso, alguns jovens faziam performance com suas motos nos espaços livres do assentamento. Muitas mães, sentadas em frente de suas casas, observavam os/as filhos se divertirem nas suas diferentes formas de diversão. Espalhados pelo assentamento, pais cuidavam da ração dos animais, pessoas transitavam de um lado para outro a cavalo. Enfim, era um movimento constante de ir e vir de pessoas saindo de suas casas.

Aos poucos, o futebol ia ampliando o seu número de participantes. Os adultos se juntavam aos jovens. O futebol passa a ser também a diversão dos pais. Nesse sentido, esse esporte assume o papel socializador de pais e filhos, entendido aqui como atividade social potencialmente positiva à formação humana. Segundo Brenner; Dayrell; Carrano (2011, p.177), “a convivência em grupos possibilita a criação de relações de confiança; desse modo, a aprendizagem das relações sociais serve também de espelho para a construção de identidades coletivas e individuais”. O futebol é uma experiência coletiva que exige confiança no outro e espírito de grupo. Portanto, possibilita (re)significar valores, comportamentos e serve de laboratório em que se processam experiências e se produzem subjetividades.

Nesse mesmo dia de domingo, outro espaço e tempo de socialização que pude observar no assentamento Nova Esperança foi a realização de um culto da Igreja Católica que teve como organizadores adultos e jovens desse assentamento. Por falta de um espaço físico (igreja), o culto é sempre celebrado aos domingos, à noite, em uma sala da escola da comunidade, onde também acontece a reunião da associação dos moradores do assentamento. Nesse dia compareceram à celebração aproximadamente 25 pessoas entre adultos, jovens e crianças, sendo o número maior de jovens mulheres. A presença dos homens, jovens e adultos, foi bastante pequena.

Um fato bastante curioso que aconteceu nesse momento foi que muitos jovens ficaram do lado de fora da escola onde acontecia o culto, fazendo barulho com motos, batendo no portão da escola. O barulho chegou a atrapalhar a celebração em determinado momento, tendo o presidente da associação, que estava presente no culto, que sair para pedir que parassem. Aquilo me chamou a atenção. Quis saber se era sempre assim. Então, conversei com algumas pessoas, as quais me revelaram que todos os domingos acontece da mesma forma, que já foi conversado com os pais, mas não resolvem. É que muitos jovens do assentamento não querem saber de religião.

Então, o culto é celebrado dessa forma. Muitos moradores com quem conversei naquela noite depois do culto me disseram que, mesmo assim, não vão parar, porque, segundo eles, se pararem, é pior. Eles relataram que os/as jovens da comunidade estão precisando de apoio, eles estão muito descrentes. Não querem participar de nada. São as mulheres adultas e as moças que tomam a frente da celebração do culto. São elas quem faz a leitura da Bíblia, assim também as crianças. Ali as pessoas renovam sua fé.

No entendimento de Novaes e Mello (2002), o envolvimento em grupos religiosos pode ser importante condutor para a construção de identidades juvenis, agregando elementos significativos nessa fase da vida. Os espaços e os tempos religiosos são produtores de sociabilidades e de experiências constitutivas do modo de ser jovem.

É importante considerar que, nos espaços e tempos dialéticos, os/as jovens se fazem e refazem entre o profano e o sagrado. Nessa profusão de saberes e experiências sociais perpassadas de contradições e conflitos, a compreensão que se forma a respeito do ser jovem é que diferentes estratégias são constitutivas do modo de ser jovem de assentamento rural da Reforma Agrária. Muitas das estratégias são construídas na contramão do direito garantido pelo Estado. Como afirma a jovem **JM13AN**, “ser jovem no assentamento não tem muitas opções?”. Outra jovem complementa dizendo: “Eu mesmo sou feliz em parte, né, em parte, porque aqui o lugar é bom de tá com a família, amigos, só, mas por um lado não tem, como ela falou ali, muitas opções do que fazer” (**JM11AN**).

Percebe-se que o fio da meada condutor desta tese, sobre a constituição social dos/das jovens de assentamentos rurais da Reforma Agrária na microrregião Guanambi, BA, vai sendo configurado por meio das experiências vividas pelos/as jovens e traduzidas pelos diversos sujeitos da pesquisa e também pelo que foi visto e não visto pelo pesquisador no caminhar da investigação. Não é demais lembrar que as vivências dos/das jovens são atravessadas e marcadas por um processo de exclusão no campo; pelas condições precárias de sobrevivência no

meio rural brasileiro decorrentes da ausência de políticas públicas que possam promover uma vida digna à população camponesa. Mas, numa perspectiva complementar, o processo de formação da constituição social do ser jovem também carrega as marcas do pertencimento do lugar, dos laços familiares, das práticas coletivas de lazer que se realizam no contexto dos espaços onde os sujeitos jovens vivem.

Considerações finais

No concernente às práticas de sociabilidades dos/das jovens, a pesquisa aponta que, o campo de possibilidades (VELHO, 2006) é bastante precarizado e reduzido no contexto dos assentamentos. As relações sociais dos/das jovens se ampliam por meio das interações externas, as quais apresentam limitações provenientes das condições econômicas das famílias. Frente a essa situação, os/as jovens criam, reinventam formas de convivência, de diversão e de lazer nos espaços onde vivem. Nesse contexto, os meios de comunicação como a televisão, o *facebook* entram em cena como canais que permitem o preenchimento do tempo livre dos/das jovens, proporcionando-lhes experimentações e imersão no mundo virtual sem fronteiras, agregando ao seu modo de vida experiências que ultrapassam os limites geográficos fixos. Assim, no entendimento de Wanderley (2007), não se pode autorizar qualquer tipo de análise que isole a realidade dos/das jovens, pois eles/as estão integrados/as à sociedade mais ampla em que vivem.

Fazendo uma relação com a questão anterior, uma constatação bastante intrigante e que merece ser colocada em evidência diz respeito ao fato de que, ao mesmo tempo em que os/as jovens reclamam que não fazem nada dentro do assentamento, que é um lugar triste, parado, eles/as afirmam que por meio do *facebook* têm feito outras redes de contato, de relações sociais. As meninas, que disseram que usam com mais constância esse canal de comunicação, estão no mundo. Portanto, entendo que essa coisa de não ter o que fazer dentro dos assentamentos

pesquisados, referindo-se ao lazer, é algo aparente, pois muitos jovens, principalmente as moças, que se queixaram da monotonia que permeia os assentamentos, mantêm encontros virtuais dentro das possibilidades de acesso à internet. Todavia, um elemento importante a se destacar neste estudo é que os/as jovens, apesar de estarem conectados/as ao mundo, sobretudo as jovens, ainda não despertaram para usar a internet como ferramenta de aquisição de outras possibilidades de desenvolvimento para a comunidade. A internet tem sido apenas um instrumento de diversão e de comunicação pessoal.

Referências

- ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2. Reimpressão, 2011.
- ABRAMOVAY, Ricardo. *et al.* **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios.** Brasília: UNESCO, 1998.
- BERGAMASCO, Sônia Maria; NORDER, Luiz Antônio. **O que são os assentamentos rurais.** São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional.** 2ª. Reimpressão. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011. p.175-214.
- CARNEIRO, Maria José. **O ideal urbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais.** In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da SANTOS, Raimundo; COSTA, Luiz Flávio de Carvalho (Org.). **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares.** Rio de Janeiro: Campus, 1998. p.95-117.

CASTRO, Elisa Guaraná, *et al.* **Os jovens estão indo embora?** juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009.

COSTA, Fernando Luiz Martins; RALISCH, Ricardo. Juventude rural do assentamento Florestan Fernandes no município de Florestópolis (PR). **RESR**, Piracicaba – SP, v.51, n°3, 2013. p.415-432.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Trabalho de campo:** contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). 25 ed. revista e ampliada. Petrópolis: Vozes, 2007. p.61-77.

NOVAES, Regina; MELLO, Cecília. Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos. Rio de Janeiro: **Comunicações do Iser**, n.57, ano 21, 2002. (p.7-103).

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

SILVA, Catarina Malheiros da. **Escola, saberes e cotidiano no meio rural:** um estudo sobre os(as) jovens do sertão da Bahia.p.167f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília. 2009. Orientadora: Profª Dra Wivian Weller.

SOUZA, Carmem Zeli Vargas Gil. Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites. **Revista Última década** N.20, (s/p) CIDPA Viña Del Mar, 2004.

STROPASOLAS, Valmir L. **O mundo rural no horizonte dos jovens**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

WANDERELEY, Maria de Nazareth Baudel. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. (p.21-51).

WANDERELEY, Maria de Nazareth Baudel **O mundo rural como espaço de vida**: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Org.). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p.192-200.

Dr. Domingos Rodrigues da Trindade

Universidade do Estado da Bahia - Brasil

Departamento de Educação, UNEB/Guanambi, *Campus XII*

Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire

Grupo de Pesquisa em Juventude, Políticas Públicas e Formação dos Sujeitos

E-mail: rodrizex@hotmail.com

Recebido em: 13 de novembro de 2015

Aprovado em: 06 de janeiro de 2016